

Fátima Flório Cesar

Do povo do nevoeiro

Psicanálise dos casos difíceis

Blucher

DO POVO
DO NEVOEIRO

Psicanálise dos casos difíceis

Fátima Flório Cesar

Do povo do nevoeiro: psicanálise dos casos difíceis

© 2019 Fátima Flório Cesar

Editora Edgard Blücher Ltda.

Imagem da capa: iStockphoto

SÉRIE PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coordenador da série Flávio Ferraz

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Bonie Santos

Produção editorial Isabel Silva, Luana Negraes e Milena Varallo

Preparação de texto Cátia de Almeida

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto Antonio Castro

Capa Leandro Cunha

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Cesar, Fátima Flório

Do povo do nevoeiro : psicanálise dos casos difíceis / Fátima Flório Cesar. – São Paulo : Blucher, 2019.

362 p. (Série Psicanálise Contemporânea / coordenada por Flávio Ferraz)

Bibliografia

ISBN 978-85-212-1837-1 (impresso)

ISBN 978-85-212-1838-8 (e-book)

1. Psicanálise 2. Psicopatologias 3. Pessoas depressivas I. Título. II. Ferraz, Flávio.

19-1089

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Prefácio	7
Apresentação	11
Compaixão	29
A cor da ausência	53
Asas presas no sótão	75
Para que servem as emoções?	83
O barulho inaudível: adolescência, tédio e retraimento	113
Do frio ao tórrido: escutas de silêncio e fúria	137
“Ih! Tá chovendo!”: histórias de retraimento e de reclamação	177
O coração gelado: estratégias de sobrevivência psíquica frente a traumatismos severos	203
Do povo do nevoeiro: melancolia, narcisismo e morte psíquica	229
Morte e vida na adolescência: da dor e da delícia de ser jovem	261
Pensando o ser e o fazer analíticos em casos difíceis	307

Compaixão¹

*Pessoas pertencidas de abandono me comovem:
tanto quanto as soberbas coisas ínfimas.*

Barros, 2010, p. 361

Maria! Maria!

Tudo começou com a chegada de Maria. Ou melhor, eu cheguei até ela. Antivirtuosa, anjo às avessas. “Não sou simpática. Não sou amorosa. Por que você gosta de mim?”. Outra vez: “Por que você gosta tanto de mim?”. Porque Maria é daquelas moças, anti-bom moça, antipatricinha, que mal consegue sustentar um sorriso. Rosto crispado de angústias que não se disfarçam. E se existem esforços para disfarçar... Ah! Em vão! Mas não pensem que tenho aqui a virtude do amor ao feio e ao torto e ao impuro. Maria é meu anjo torto, é verdade (um dia me falara de um quadro – de que

1 Uma versão anterior deste texto foi publicada em 2000 na *Revista Percurso*, ano XIII, (25), 33-42.

gosta muito – de anjos distorcidos. Você anjo distorcido; você que disfarça sua bondade). Quando olho Maria (com todos os meus olhos, com tudo o que é possível ser visto por mim), enxergo/suspeito a beleza/a potência que é (in)visível em Maria encoberta, as forças, a beleza de turbulências e trevas.

Para mim, Maria é encantadora e tem o encanto, não de almas fáceis, mas dessas subjetividades aflitas. “Vida a vida”. “Móvel mar”... Lolita maldita! O encanto vem dali onde acredito na saída ou na crença de que a crise é caminho/passagem para a não permanência no mesmo. Eu carrego a esperança que Maria mal experimenta e me alegro tanto. O encanto vem dali onde nossas juventudes se entrelaçam. Nossos 19 anos, sua juventude transviada, minha juventude quase transviada. Perdições, paz que não vem de graça, de quando se nasce e pronto. Minha adolescência veloz comparece e sua adolescência grita de dor: “Dezenove anos. Não fiz nada! Tudo errado: má aluna, má filha, má amiga. Só revolta, uma fome permanente de detonar”.

E os livros que tanto lê? As músicas? Contra as formas ela se rebela. Qualquer forma aprisiona? Ódio às formas e, depois, o vazio! Por que não tem valor aos olhos de Maria a matéria informe de livros, poesias, devaneios? Os sonhos não são capital. “O que vale ser sensível? Meus amigos *gays*, amigos loucos, drogados: não há salvação!”. (Calma, garota! E eu tenho de me controlar para não a devorar com cuidados e esperança e lembranças. Vai dar tudo certo, alguém já me falou um dia, e eu tento silenciar.)

Não sei o tamanho da angústia de Maria. Deve ser grande, porque a dor já se mostra no rosto. As “esquisitices internas” já se fazem visíveis nos gestos impensados, nas respostas atravessadas, nas interrupções de conversas. E sempre uma tentativa de sorriso, um esboço que não vinga, que não se sustenta. Maria. Maria é só

dor. (Cuidado, vê se não a atropela com sua alegria! Calma garota, calma eu!)

Gosta muito de Clarice (Lispector) (aqui na cidade, é verdadeira raridade: uma menina com tais interesses!). Das anti-heroínas claricianas, como Joana e Sofia, Maria podia ser mais uma.

Na primeira sessão, a primeira pergunta: Você acredita em Deus? Você acredita em Deus? Em busca da fé. “Ora sou rebelde, ora visto uma saia de seda nas bodas de minha mãe. Cada hora sou de um jeito.” (Mas, garota, onde a ensinaram que nós somos apenas um?)

Às voltas com sua indiferença. “Sou *má*.” Sua mãe infeliz chora a juventude perdida, chora ouvindo Roberto Carlos, chora os mortos, os doentes, os infelizes. “Eu sou insensível.”

A indiferença de Maria será a indiferença oculta de vulcões? Ou será mesmo a indiferença o “berçário da compaixão”?

Ajude-me a não a atropelar com meus 19 anos. Vamos aprender juntas a aguardar o sentido... Um tempo/espaco vazio, compartimento vizinho do ódio. (Ódio ao preconceito, às formas não autênticas de vida. Quando qualquer concessão às máscaras pode significar a morte.) Que eu sobreviva à indiferença e ao ódio de Maria! Que o mundo sobreviva... Que Deus Maria tanto procura?

Foi então que chegou de outro tempo (de minha própria adolescência) a lembrança de Abraxas... Esse Deus serviria para Maria?

Tudo começou...

Abraxas

“A ave sai do ovo. O ovo é o mundo.
Quem quiser nascer tem que destruir um mundo.
A ave voa para Deus. E o deus se chama Abraxas.”

Hesse, 1968, p. 91

Meus encontros com Maria me remetem à minha própria adolescência, muito mais que qualquer outra adolescente que até hoje eu tenha atendido. Lembrei-me então de Hesse, autor que Maria não conhece. Lembrei-me de Abraxas, um deus que talvez comovesse Maria.

A melancolia de sua mãe deita-se como uma sombra em cima de sua vida. Assim repudia o bom e o piedoso, que identifica na figura materna. Abomina as sensibilidades piegas. *Hard! Punk!* Adora “Tarantino” (Quentin). “Eu sou feita de lama imunda” (Felinto, 1992, p. 55). Busca destruir o “mundo luminoso” e apropriar-se da maldade (agressividade): “minha maldade vem do mau acomodamento da alma no corpo. Ela é apertada, falta-lhe espaço interior” (Lispector, 1999a, p. 141), que sua mãe varreu para baixo do tapete da vida e mais e mais, quem sabe, as gerações que antecederam a mãe e sua própria tristeza. Destruir (até) os mundos de seus ancestrais.² O mundo escuro é onde se refugia com amigos dilacerados. Mundo das drogas (eventuais?!) e dos bares sujos. “A feiura é o meu estandarte de guerra. Eu amo o feio como um amor de igual para igual. E desafio a morte” (Lispector, 1998, p. 36). Chora num *show* de Marisa Monte assim como sua mãe chora com Roberto Carlos.

² Neste sentido, Safra (1999) vem pensando a falha ambiental relacionando-a com a história de gerações.

“Senhas”

Eu não gosto do bom gosto

Eu não gosto do bom senso

Eu não gosto dos bons modos

Não gosto.

...

Eu gosto dos que têm fome

Dos que morrem de vontade

Dos que secam de desejo

Dos que ardem

(Calcanhoto, 1992)³

Renato Russo, Cazusa, Clarice, Fernando Pessoa, Adélia Prado, Fernanda Young, Arnaldo Antunes, Machado de Assis... “Beleza de escuras” (Clarice lhe diria).

Porém, no mundo dos sensíveis não haverá lugar para a alegria? Foi assim que me lembrei dos dois mundos entre os quais Sinclair, o jovem amigo de Demian, vivia:

Dois mundos diversos ali se confundiam; o dia e a noite pareciam provir de polos distintos. Desses dois mundos, um se reduzia à casa paterna, e nem mesmo a abarcava toda; na verdade, compreendia apenas as pessoas de meus pais. Esse mundo era-me perfeitamente co-

3 Trecho da letra da música “Senhas” (1992), de Adriana Calcanhoto, lançada no álbum *Senhas*.

nhecido em sua maior parte; suas principais palavras eram papai e mamãe, amor e severidade, exemplo e educação. Seus atributos eram a luz, a claridade, a limpeza. As palavras carinhosas, as mãos lavadas, as roupas limpas e os bons costumes nele tinham centro. Nele se cantavam os coros matutinos e se festejava o Natal. Nesse mundo havia linhas retas e caminhos que conduziam diretamente ao porvir; havia o dever e a culpa, o remorso e a confissão, o perdão e as boas intenções, o amor e a veneração, os versículos da Bíblia e a sabedoria. Nesse mundo devia-se permanecer para que a vida fosse clara e limpa, bela e ordenada.

O outro mundo começava – curioso – em meio à nossa própria casa, mas era completamente diferente: tinha outro odor, falava de maneira diversa, prometia e exigia outras coisas. Nesse segundo universo havia criadas e aprendizes, histórias de fantasmas e rumores de escândalo; havia uma onda multiforme de coisas monstruosas, atraentes, terríveis e enigmáticas, coisas como matadouro e a prisão, homens embriagados e mulheres escandalosas, vacas que pariam e cavalos que tombavam ao solo; histórias de roubos, assassinatos e suicídios... enfim, por todo lado brotava e fluía esse outro mundo impetuoso, em todo lado menos em nossos aposentos, ali onde estavam meu pai e minha mãe. E isso era magnífico. Era maravilhoso que ali em casa houvesse paz, ordem, repouso, deveres cumpridos e consciência tranquila, perdão e amor...; mas era também admirável que existisse aquilo tudo mais: o estrepitoso

e o agudo, o sombrio e o violento, de que se podia escapar imediatamente, refugiando-se quase de um salto no regaço maternal. (Hesse, 1968, pp. 9-10)

Maria não quer uma “bondade fácil”. Até porque não pode, já que não tolera falsas soluções. Apresenta uma “moralidade feroz” (Winnicott, 2016, p. 170). Busca criar em cima do que destrói. Foi por isso que pensei em Abraxas, o deus de Demian e Sinclair, que reunia em si o mundo luminoso e o mundo escuro: “divindade dotada da função simbólica de reunir em si o divino e o demoníaco” (Hesse, 1968, p. 93). Na verdade, o que quero dizer com isso é que para Maria “construir” (ela assim se queixa, que nada faz, nada cria) teria/tem de acolher em si sua própria destrutividade. Ela não tolera deuses piegas. Que fé procura?

Segundo Winnicott, a construtividade precisa estar fundada no sentimento de culpa em relação à aceitação da própria destrutividade. Para chegar ao “Deus da bondade pura”. Maria precisa atravessar o inferno de sua própria maldade e mesmo de seus não sentimentos. Para Maria, não há a facilidade da piedade, e se existe um caminho de comunicação com o outro, só pode desembocar/desabrochar na compaixão. Quando assusta/aterroza sua mãe com sua parte maldita, é para ser aceita em sua totalidade (como diz Winnicott, os pais devem aceitar que os filhos se encontrem em sua totalidade, e não apenas em seus aspectos construtivos).

Rebelde como sua mãe fora um dia e, depois, *never more*. A rebeldia em sua mãe transformou-se em amargura: um sentimento de não existência, de infelicidade. Adeus à sensualidade.

Amor impiedoso, a destruição fazendo parte do amor. Por isso, Clarice: Maria que podia ser Sofia, que podia ser Joana, as anti-heróínas com sua “paixão pelo mal”, com seu “exercício de crueldade”

(Rosenbaum, 1999, p. 45), que precisam destruir mundos (mundos luminosos? Do bom gosto!) para vir à luz.

O mal irrompe como elemento desestruturador que desorganiza forças estabelecidas, que “bagunça radicalmente coretos”, que funda alteridades. E eu preciso sobreviver ao seu não sentimento ou à sua fúria ou desdém: “hoje eu não tive vontade de ir”. “Por que você pergunta ‘como assim?’ Odeio quando fala assim: coisa de psicólogo.”

O não sentir conduz a um inferno (ou outro tipo de): o de não existir e não se sentir real. Ela me oferece a música de Arnaldo Antunes e Alice Ruiz que expressa tão bem sua vivência de vazio e falta de sentido. A letra diz:

“Socorro”

Socorro, não estou sentindo nada.

Nem medo, nem calor, nem fogo,

Não vai dar mais para chorar

Nem para rir.

Socorro, alguma alma, mesmo que penada,

Me empreste suas penas.

Já não sinto amor nem dor,

Já não sinto nada.

Socorro, alguém me dê um coração,

Que esse já não bate nem apanha.

Por favor, uma emoção pequena,

Qualquer coisa.

(Ruiz & Antunes, 1998)⁴

A oposição é às vezes o único recurso que se tem para se sentir existindo. Reajo, logo (parece que) eu existo. Mas dura pouco e renovam-se os ataques até que se espere tempo suficiente para atravessar/transpor a “zona de calmarias” (Winnicott, 1993c, p. 125). Segundo Winnicott, os adolescentes rejeitam falsas soluções ou “curas imediatas”, em vez disso veem-se obrigados a “transpor uma espécie de zona de calmarias, uma fase em que se sentem fúteis e ainda não se encontraram” (p. 122). Os pais e a sociedade não podem se apressar e tentar curá-los “de sua adolescência”.

É preciso tempo.

Penso que Maria tentou várias soluções, como sua casca áspera e dura, para evitar a catástrofe.

O colapso

Noites sem dormir. Dias sem fome. Angústia, medo de multidão, falta de ar, medo de... medo de... e “medo puro”. Choro compulsivo sem motivo. Um grande susto: “Nunca me aconteceu isso! Não sei por que choro sem motivo”. No meio do filme *De olhos bem fechados*, pânico. “Acho que vou morrer”, implora aos pais que a levem ao hospital. Alguém sugere que vá a um psiquiatra, que tome remédio. Ela quer diminuir a dor. Os cuidados da mãe (que está apavorada) a tranquilizam um pouco. Aos poucos a dor ganha

4 Com letra de Alice Ruiz, a música “Socorro” (1998) foi lançada no álbum *Um som*, de Arnaldo Antunes.

um contorno; a agonia, pensável. Não é mais possível esperar no colo como sempre. Está cansada (como Clarice no vídeo que tanto a emocionou). Teme enlouquecer. A mãe, por sua vez, busca desesperadamente oferecer aquilo que Maria necessita.

Para Winnicott (1993b):

a organização que torna a regressão útil se distingue das outras organizações defensivas pelo fato de carregar consigo a esperança de uma nova oportunidade de descongelamento da situação congelada e de proporcionar ao meio ambiente, isto é, o meio ambiente atual, a chance de fazer uma adaptação adequada, apesar de atrasada. (p. 466)

Penso que Maria está se/nos dando uma chance de tentar oferecer um cuidado adequado.

A falência das defesas, das forças falseadas

Numa de suas noites de terror (Por que à noite o pavor? – “O entardecer é o desembocar de todas as ausências” (Felinto, 1992, p. 54)), vai com sua grande amiga dormir na casa dos pais num casebre (de chão de terra) e lá recomeça o pânico. A mãe da menina – “Gostei tanto dela, eles são simples, sabe?” – lhe oferece chá de erva-cidreira e explica que é calmante. (Até então falava: “Nada me acalma, ‘Olcadil’ pra mim é igual a água.”) Tranquiliza-se. Agora, aonde vai, leva um pacote de chá de erva-cidreira.

Volta e meia fala: “Eu quero pouco, eu quero o simples. Um dia meu tio perguntou: ‘O que você pedir de aniversário, eu compro’.

Mas eu não quero, quero apenas que você veja algo e pense ‘isso parece com Maria’”. É o gesto necessário e exato que procura.

A falha da analista ocorre principalmente quando não corresponde à sua fome do essencial. “E quando ela, muito apropriadamente, ‘debocha’ de mim, de qualquer coisa que ‘não cheire a verdadeiro’...” Se me equivoco e sou desastrada nos gestos, desperdiço seu pedido: “O que eu quero é muito mais áspero e mais difícil: quero o terreno” (Lispector, 1994, p. 188).

Pede sessões extras. Chega ferida, quase mansa, suas unhas-garras não mais arranham, chora e diz que nunca falou “eu te amo” ou “eu gosto”; sabe de sua própria aspereza. Numa tentativa de conviver com o “mundo luminoso” vai a um churrasco com “pessoas normais”. O incômodo de conviver não é porque os outros, aqueles do “mundo luminoso”, são babacas. Por trás do sentimento de superioridade: “Dói porque eles experimentam uma coisa que eu não conheço: felicidade”. É como se dissesse: “Eu sou humana, cara!”.

De que você pensa que são feitas as minhas mãos? De ferro? De madeira? De cimento? Elas são feitas de carne, cara. Eu sou humana, cara. Devo gritar isso? Sou humana. Está me ouvindo? Sou humana. Minhas mãos são feitas da carne que dois pregos podem atravessar furando buracos a caminho da madeira da cruz. Minhas mãos são feitas da carne que ejacula sangue, sou humana, cara. (Felinto, 1992, p. 62)

O mundo apresentado a Maria foi/é um mundo inóspito, cruel, uma vida sem brilho, onde o desencanto é o único horizonte possível. O processo de desilusão, longe de ter sido lento e gradativo,

desenvolveu-se veloz e absoluto. Se o pânico corresponde a “um estado psicopatológico que se instaura quando não houve as condições para uma subjetivação tolerável da condição fundamental de desamparo” (Pereira, 1999, p. 370), no plano da articulação simbólica, um ataque de pânico estrutura-se como um pedido transcendente de amor, dirigido a “Outro idealizado e onipotente, colocado numa posição divina que garantiria pela sua ternura a proteção do sujeito contra o desamparo” (p. 370).

Ela escreve e me dá:

Pânico

Hoje minha respiração parou

momentaneamente

e nos dois segundos em que chorei

por falta de vida

A morte dolorosa que imaginei não

aconteceu

Por duas vezes eu perdi o sol

a chuva que caía

perdi a batida lenta do meu

coração

A batida dos carros na esquina

Deixei de ver o momento

e só senti a escuridão

e a escuridão não tem cheiro

de flores
apenas dois segundos
e vinte anos se passaram
Como se não pudesse viver mais
vinte anos
e vinte anos de existência
eu perdi durante dois segundos
não sorri com a passagem da menina
não sofri com a falta do menino
não consegui ver da janela
a bicicleta que corria
e os dois segundos se passaram
e eu tive mais dois segundos para viver.

Quando perguntei se podia incluir o poema “Pânico” num trabalho, ironicamente me questionou: “Por quê? Se você tem a Clarice?”. Flor de cactos, pensei.

Mãe perua – filha trash

Pereira (1999) adverte que a noção de desamparo não deve deixar de fora a dimensão sexual: a crise de pânico emerge no encontro com a falta de garantias frente à própria pulsionalidade.

Uma das grandes questões/dores da mãe de Maria está ligada ao não vivido no plano sexual. Na juventude, linda e vista como

puta por sua própria mãe. Depois engorda e lamenta o tempo perdido, o amor não encontrado, o casamento vazio, sem emoções. A filha, de seu lado, que nunca se apaixonou, que se deita e depois nem lembra que sexo existe.

O morrer em vida de sua mãe cai sobre sua vida, e Maria se sente sufocada, desaprovada em seu estilo quando a mãe insiste: “Coloque um batom. Parece uma mendiga”. Ao menos, os anéis, vários, que brilham nos dedos. Único luxo? A mãe que a sufoca com tantos presentes que nunca usará, apenas os anéis. Sua mãe que queria ser “perua”. Fica confusa por causa do ódio à mãe, já que esta é tão presente e quer tanto que ela fique bem. Mas não sabe como. (Com carro novo? Roupas? Livros? Anéis?)

Idas e vindas na relação com a mãe. Confrontos violentos. Por que não é possível ser igual às outras garotas? Por que os amigos não podem ser normais? E Maria fica entre a culpa e a insistência aflita. Não é uma busca qualquer: é a obstinada e desesperada busca – de arrancar da mãe o direito de ser ela própria.

E o pai? Tudo sobre a mãe. Quase nada sobre o pai.

*Saudade*⁵

Maria observa o mundo com um olhar de estranhamento. E esse olhar, que já existia na infância (do pouco que se lembra dela), acentua-se na adolescência – tempo em que desembocam as angústias (e as ausências). (O uso frequente dos óculos escuros ocultando o olhar terrível!) Olhar de asco diante do não humano. Então o impasse: entre a necessidade (por vezes desesperada) de entrar no mundo e o temor de perder esse olhar/lugar profundamente

5 Reflexões enriquecidas por observações de Safra feitas em aula (23 de setembro de 2000).

ético. Será possível acontecer no mundo e experimentar a alegria sem que se traia a sua fome do essencial, sem que se perca a delicada escuta de qualquer grito parado no ar? Na parede do quarto, *O grito* (de Munch). O grito. Na parede do quarto fotos e fotos e fotos das “pessoas especiais” que a ajudam a sair do isolamento. Com eles e elas, dialoga sobre a miséria humana e as alegrias possíveis.

Quando partem, o despencar no vazio. Para onde as pessoas vão quando partem? *Por que te vas?* A pior dor, a dor que mais dói, é a saudade. Ah... Como é lindo o que Clarice diz... (Os dois portais por onde Maria entra no mundo: pela ética e pela beleza. Às vezes, beleza terrível.)

Saudade. Saudade é um pouco como fome. Só passa quando se come a presença. Mas às vezes a saudade é tão profunda que a presença é pouco: quer-se absorver a outra pessoa toda. Essa vontade de um ser o outro para uma unificação inteira é um dos sentimentos mais urgentes que se tem na vida. (Lispector, 1999b, p. 106)

Enquanto espera, a companhia da poesia...

*Eu sempre sonho que uma coisa gera,
nunca nada está morto.
O que não parece vivo, aduba.
O que parece estático, espera.*

Prado, 2016, p. 22

Tem sido na companhia dos poetas, da literatura, dos filmes, de alguns poucos amigos (tão perdidos e sensíveis quanto ela) que

Maria encontra interlocução. Como diz Safra, o rosto humano não é para ser encontrado apenas na mãe, mas ainda na cultura, no mundo, no social:

Há pacientes que vivem na queda de si mesmo e na queda do mundo. A poesia tem um valor semelhante ao ícone: devolve o rosto humano ao ser humano. É possível encontrar um poeta (como Fernando Pessoa ou Clarice) antes de encontrar alguém como interlocutor. É uma estética que revela o ser.⁶

Safra (1999), em seu livro *A face estética do self: teoria e clínica*, enfatiza o estético – o sensorial –, “objetos na sua materialidade, e nas suas formas, os corpos, os gestos, as dimensões do mundo – tempos, espaços, sons, cores, movimentos, ritmos – são tratados como as raízes e os ingredientes básicos de processos de constituição do *self*” (p. 11). O autor ali esclarece que utiliza o termo estético:

para abordar o fenômeno pelo qual o indivíduo cria uma forma imagética, sensorial, que veicula sensações de agrado, encanto, temor, horror, etc... Estas imagens, quando atualizadas pela presença de um outro significativo, permitem que a pessoa constitua os fundamentos ou aspectos de seu self, podendo então existir no mundo humano. (p. 20)

Se a linguagem discursiva é tão valorizada no mundo ocidental e na psicanálise, há também uma evolução do objeto sensorial ao longo do processo maturacional:

6 Safra, em palestra ocorrida em 2 de outubro de 1999.

Há o objeto subjetivo, que inicia a constituição do self; o objeto transicional, primeira possessão não eu; o objeto de self; articulação simbólica de um estilo de ser; o objeto de self na cultura, conectando o sujeito à história do homem; o objeto de self artístico-religioso, apresentando o vértice estético e sagrado e inserindo o homem na atemporalidade da experiência humana. (Safra, 1999, p. 30)

Maria e eu temos trabalhado principalmente em torno de objetos da cultura (Safra, 1999, p. 22) compartilhados por nós duas – nos quais ela se ancora, dando um uso pessoal e, dessa forma, sendo-lhe possível aos poucos tomar contato com sua capacidade criativa. Lugares-espacos-objetos que amenizam a dor do exílio e lhe dão a sensação de “pensei que até pode ser que a vida valha a pena”. Se, porventura, à mãe não foi possível devolver um olhar humano, os objetos da cultura a refletem.

Isso é tão urgente, que aquilo que não a reflete é repudiado!

Embora interpretações verbais sejam feitas, esse espaço de encontro se dá muito mais em torno desses objetos. Sendo assim, a sessão se apresenta mais como um espaço de experiência que de deciframento. Uma vez que o encontro se dá em torno principalmente de objetos materiais, as interpretações acontecem, na verdade, focando aqueles aspectos do *self* que são refletidos pelo objeto. Já os lugares-pessoas-objetos que não a espelham são vividos como não lugares, espaços de abandono e desamparo.

O que eu posso lhe oferecer e o que ela necessita de mim?

Não é qualquer coisa: os cacoetes/códigos predefinidos são desmontados com ironia, sem dó. *Rumble Fish*, que não pode ser

aprisionado, que desliza num *setting* criado a dois, cheio de portas e janelas, com espaço para silêncios e não comunicação.

Se ela está na porta do mundo, não sou eu que tenho a chave, estou ali como (mais um) “representante da humanidade”, sou alguém com quem é possível dialogar. Buscamos juntas compreender seus movimentos e não movimentos aflitos; porém, se o sentido não vem, o melhor é aguardar lendo Adélia Prado ou “praticando silêncios” (não, não – são os silêncios que nos praticam parodiando Manoel de Barros).

É assim que Maria e eu nos comunicamos em torno do espaço potencial/zona de sonho em que circulam sentidos, objetos compartilhados, livros, textos, discos de Renato Russo, filmes, Adriana Calcanhoto, “cores de Frida Kahlo”, “cores de Almodóvar”. Um dia, conversando sobre o filme *Cria cuervos*, comentei que gostava muito da cena em que a pequena Ana dançava uma música, que eu tinha o disco e o havia perdido. Ela me presenteia com a notícia de que o Pato Fu (!!!) havia gravado tal música e me oferece uma fita cassete.

São oásis. Brechas num mundo não humano, possibilidades sagradas/preciosas de comunicação.

Ana-Maria-eu na dança da dor da perda do amor. Dança de tempos sobrepostos, almas entrelaçadas: chora-se a morte da mãe/ do pai e do amante que partiu ou que um dia quem sabe partirá:

“Porque te vas”

Hoy en mi ventana brilla el sol

Y el corazón

se pone triste contemplando la ciudad

Porque te vas

Todas las promesas de mi amor se irán contigo

Me olvidarás

Me olvidarás

Junto a la estación lloraré igual que un niño

Porque te vas

Porque te vas

*(Perales, 1974)*⁷

Enfim, compaixão

Comecei a escrever sobre Maria pensando em compaixão. Por quê? Suas queixas de indiferença, ou de maldade, ou de uma sensibilidade não voltada para o fácil me fizeram lembrar o caminho de construção de minha própria compaixão. Também constituída na travessia de desertos de vazios ou vulcões de raivas e desamores. Compaixão que não exclui negativos. Este texto é também um passeio/revisitação aos objetos que me fizeram companhia na minha travessia adolescente.

Se podemos falar de virtudes necessárias à clínica, a compaixão é das mais fundamentais? Não aquela que é puro sentimentalismo, piedade ou compaixão vedante (que Dolto diferencia de compaixão estruturante),⁸ mas que se sustenta na identificação com o outro, em sua totalidade (incluindo os aspectos destrutivos):

7 Com letra de José Luis Perales, a música “Porque te vas” (1974) foi gravada por Jeanette e lançada no álbum *Porque te vas*.

8 Dolto (2007, p. 167) fala de “compaixão vedante” e “compaixão estruturante”. Compaixão vedante seria aquela “regressivadora”, que quer poupar o outro de

“A compaixão é a simpatia na dor ou na tristeza, em outras palavras, é participar do sentimento do outro” (Comte-Sponville, 1999, p. 117).

Diferente da piedade que ressalta a insuficiência de seu objeto:

a compaixão, é um sentimento horizontal, só tem sentido entre iguais, ou antes, e melhor, ela realiza essa igualdade entre aquele que sofre e aquele (ao lado dele, e portanto, no mesmo plano) que compartilha do seu sofrimento. Nesse sentido, não há piedade sem uma parte de desprezo; não há compaixão sem respeito. (Comte-Sponville, 1999, p. 127)

A compaixão liga-se com um “respeito fundante” (não moral) pela singularidade da natureza humana que aí está. A compaixão permite a passagem da ordem afetiva à ordem ética.

“Compadece-te e faz o que deves” – passa-se assim da ordem do sentimento ao “que devemos”. E se pensamos que em relação ao que devemos – em outros tempos/termos – precisamos falar em técnica, aqui eu penso em ética. Não é um dever senti-la (a compaixão), mas desenvolver em si a capacidade de senti-la.

No dizer de Dolto (1989):

A ética do humano, na medida do seu desenvolvimento, leva-o a identificar-se com todos os seres da criação. A ética não é a moral. A moral é um código de comportamento; a ética sustenta uma intenção na sua mira, ela é o desejo e o sentido que dele decorre. A moral, seja ela

seus próprios sofrimentos, diferente da outra que implica em estar ao lado, a partir de uma identificação que não seja via culpa.

aplicada de forma agradável ou desagradável, seja ou não nociva para outrem, provém de pulsões. A ética é assunto do sujeito, a moral é assunto do ego; o sujeito funda-se sobre o simbólico, enquanto que o ego está no Imaginário, está a serviço do funcionamento. (p. 112)

Essa compaixão-nossa-de-cada dia que não pode ser desencarnada, como o “amor que não é puro sentimentalismo” (Winnicott, 1993a, p. 352), que se nutre na própria dor e maldade. Que é tolo se não se enraíza na história pessoal (do ódio e do amor). Compaixão resultante do acolhimento dos vários outros de si mesmo. E só assim.

Novamente recorro a Dolto (2007):

Para “fazer o bem que se deseja”, é necessário poder falar de seu desejo de mal. Aliás, é isso que a cultura faz, em seu conjunto. Ela permite satisfações imaginárias (arte, literatura, esporte, ciência) e dá apaziguamento aos desejos, ao mesmo tempo que permite um enriquecimento de trocas na sociedade. Há no ser humano contradições, e todo desejo precisa poder ser falado. Há a realidade, há o imaginário, e também há essa vida simbólica que é o encontro de um outro com quem nos compreendemos, e com quem não estamos mais totalmente sozinhos diante de nossas contradições internas. (p. 169)

Tempo

“Monte Castelo”

*Ainda que eu falasse a língua dos homens
E falasse a língua dos anjos
Sem amor eu nada seria*

Russo, 1989⁹

Logo Maria completa 20 anos. Feliz aniversário, Maria! E eu, quarenta: *“Quarenta anos: não quero faca nem queijo. / Quero a fome”* (Prado, 2016, p. 155).

Vou parando por aqui e seguindo o conselho de Maria, revisito Clarice, que em sua crônica “Mineirinho” diz:

Já era tempo de, com ironia ou não, sermos mais divinos; se adivinhamos o que seria a bondade de Deus é porque adivinhamos em nós a bondade, aquela que vê o homem antes de ele ser um doente do crime. Continuo, porém, esperando que Deus seja o pai, quando sei que um homem pode ser o pai de outro homem. (Lispector, 1994, p. 186)

9 Com letra de Renato Russo, a música “Monte Castelo” (1989) foi inspirada na primeira epístola de São Paulo aos Coríntios e no poema “O amor é fogo que arde sem se ver”, de Luís de Camões. A canção foi lançada no álbum *As quatro estações*, da banda Legião Urbana.

Referências

- Barros, M. (2010). *Poesia completa*. São Paulo: Leya.
- Comte-Sponville, A. (1999). *Pequeno tratado das grandes virtudes*. São Paulo: Martins Fontes.
- Dolto, F. (1989). *Dialogando sobre crianças e adolescentes*. São Paulo: Papirus.
- Dolto, F. (2007). *As etapas decisivas da infância*. São Paulo: Martins Fontes.
- Felinto, M. (1992). *As mulheres de Tijucopapo*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Hesse, H. (1968). *Demian: história da juventude de Emil Sinclair*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Lispector, C. (1994). *Para não esquecer*. São Paulo: Siciliano.
- Lispector, C. (1998). *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Lispector, C. (1999a). *Um sopro de vida: pulsações*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Lispector, C. (1999b). *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Pereira, M. E. C. (1999). *Pânico e desamparo*. São Paulo: Escuta.
- Prado, A. (2016). *Poesia reunida (2a ed.)*. Rio de Janeiro: Record.
- Rosenbaum, Y. (1999). *Metamorfoses do mal: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Universidade de São Paulo/Fapesp.
- Safra, G. (1999). *A face estética do self: teoria e clínica*. São Paulo: Unimarco.
- Winnicott, D. W. (1993a). O ódio na contratransferência. In *Textos selecionados da pediatria à psicanálise* (pp. 341-353). Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1947.)

- Winnicott, D. W. (1993b). Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão dentro do *setting* psicanalítico. In *Textos selecionados da pediatria à psicanálise* (pp. 459-481). Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1954.)
- Winnicott, D. W. (1993c). Adolescência: transpondo a zona das calmarias. In *A família e o desenvolvimento individual* (pp. 115-127). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1961.)
- Winnicott, D. W. (2016). A luta para superar depressões. In *Privação e delinquência* (pp. 163-175). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1963.)

Este livro é uma coletânea de casos clínicos (patologias não neuróticas) acompanhados de uma discussão das modalidades de adoecimento psíquico e dos impasses encontrados na prática psicoterapêutica. A autora envolveu-se, ao longo de mais de duas décadas, na busca pelo entendimento do que inicialmente denominou “moradores em móvel mar” e que atualmente nomeia “povo do nevoeiro”. Prossegue, desde então, buscando saídas, modos de responder ao chamado ora de inaudíveis pedidos de ajuda, ora de gritos de dores lancinantes e agônicas e, ainda, de paradoxais comunicações em que a recusa à mudança se apresenta na forma de reação terapêutica negativa. Propõe, além disso, uma atenção ao silêncio e ao vazio dos anestesiados que pedem socorro por nada sentirem.

O livro se enriquece na medida em que sua escrita se dá na companhia de poetas, compositores e literatos para garantir forma a palavras para além do discurso árido dos duros conceitos teórico-técnicos. Desse modo, o leitor pode entrar com maior facilidade, pela via do sensível, no clima desses encontros tão cheios de paixões, desde as ruidosas até aquelas que se ocultam em retraimentos, reclusões e refúgios.

série

PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coord. Flávio Ferraz

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-1837-1



9 788521 218371

www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

Do Povo do Nevoeiro *Psicanálise dos casos difíceis*

Fatima Flório Cesar

ISBN: 9788521218371

Páginas: 362

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2019

Peso: 0.410 kg
